

Entrevista com o ex-deputado constituinte e senador peruano Ricardo Napurí

Via [Insisto y Resisto](#)

“Não sabemos o que virá, mas há uma coisa, se a ala direita atacar, haverá resistência popular, porque as massas já acreditam em si mesmas.”

Mario Hernandez*: O que significaria a vitória de Castillo no Peru?

Ricardo Napuri: Um governo Castillo é a coisa mais incerta que existe. Mas vamos justificar isto, antes de tudo por causa do país que ele vai receber, já sabemos que é um país corrupto, com uma economia em retração e falida, um país onde o Coronavírus devastou a população, especialmente os pobres, é o primeiro país do mundo em mortes e contágios em proporção à sua população. Um desastre social e político.

Um governo Castillo teria que enfrentar o problema da corrupção que é infernal, seis presidentes que roubaram bilhões de dólares, trinta anos de economia neoliberal selvagem, também algo inaudito, o Coronavírus que, como já assinalei, está devastando o país, o problema da mineração, a promessa feita à população em relação à Assembleia Constituinte, depois de satisfazer as demandas mais imediatas da população.

Para dizer-lhe isto, brevemente, o problema é com que equipe e sob que condições ele exerceria o governo. A primeira coisa que eu destacaria é que o golpe de Estado já está presente. É inaudito que nas condições do Peru não esteja sendo preparado um golpe de Estado. Se a direita é selvagem no Peru, do tipo

oligárquico e governou sob estas condições, eles nunca permitirão que ela governe como reformista. Sei isso perfeitamente por experiência histórica e sobretudo da América Latina, que não se deixa reformar; para ser reformista é preciso ser um revolucionário.

Minha experiência na América Latina, de Allende e de todos aqueles que você quer mencionar, quando a revolução apareceu, ou eles fugiram ou atiraram em si mesmos. Portanto, não é um bom exemplo. Os reformistas fazem seu trabalho, mas quando têm que dar um salto qualitativo, como Cuba fez, eles não o fazem. Portanto, vamos apontar quais são os pontos que ele tem a favor e contra.

A favor é que ele tenha o apoio incondicional das massas, embora hoje ele tenha 50% numericamente, nos primeiros meses ele terá maior apoio, portanto, ele terá a maioria popular. A outra questão importante é que na realidade peruana tem havido uma rebelião dos que vêm de baixo, eu disse que parecia uma espécie de realismo mágico, mas eu quero me corrigir, há uma rebelião dos que vêm de baixo, uma verdadeira rebelião. E na imagem da América Latina, é um evento incomum e também incomum no Peru. Tornou-se agora a notícia, deixando de lado o Equador, a Colômbia, que está sempre presente, e o Chile. Ela se une ao grupo do Pacífico que está em rebelião com respeito à ordem existente.

Vai ter que enfrentar os seguintes problemas, primeiro, como eu disse, a direita não vai se permitir ser reformada, segundo, eles têm a vontade de encenar um golpe de Estado. A tentativa de Fujimori de desconsiderar a eleição é um aviso. Seria preciso ser muito ingênuo para pensar que as forças oligárquicas vão deixá-lo governar, se ele não quiser Cuba ou Venezuela, um Peru reformista e radical, com a subversão das massas, os EUA também não vão deixar que isso aconteça. Isto é, como diria Gramsci, ele tem um imenso grupo de poderes internacionais e nacionais contra ele.

A única coisa que ele tem, neste momento, para apoiá-lo é a massa. A experiência histórica, a Bolívia e qualquer outra na região indica que somente o apoio das massas pode sustentar um governo reformista com a vontade de radicalizar o que é chamado de progressismo capitalista. Porque não devemos pensar que, inicialmente, pode ir a medidas que significam anti-capitalismo radical. Isso não vai acontecer inicialmente.

A outra coisa negativa sobre ele é que não tem partido, é um sindicalista que rompeu com sua matriz, com a liderança que tinha sido burocratizada por muitos anos, qualificou-se porque liderou uma greve em 2017 que durou dois meses e que inicialmente o promoveu. Ele é um sindicalista da província, mas tem alguma experiência sindical e não é ingênuo. Mas ele não tem festa, não tem tradição partidária. Mesmo o fato de ele ter integrado uma lista eleitoral que não é sua própria lista. Portanto, ele vai sozinho para o governo, depende daqueles que o apoiam, como Verónica Mendoza já fez, os intelectuais que querem contribuir com seu governo a partir da esquerda. Mas ele mesmo não tem partido ou poder e, obviamente, tem experiência limitada nesse sentido, mesmo de natureza cultural. Não sabemos como ele vai resolver isso.

Como vai evoluir esta situação, quando a direita vai estar na ofensiva, com as forças armadas que se mostraram conservadoras, chegaram a insinuar que não aceitariam uma ordem alternativa à capitalista. A quantidade de elementos contra é extraordinária. O que é novo, o que é real, e o que deve ser visto, é que Castillo, sejam quais forem suas limitações pessoais, está protagonizando um acontecimento histórico, a rebelião dos de baixo, dos camponeses, dos trabalhadores, dos muitos oprimidos do país que disseram "basta" porque o país é corrupto, o país de imensas desigualdades (70% é pobre e pelo menos 10% deles é marginalizado), portanto, este país é tão desigual com uma burguesia oligárquica e, na situação da América Latina, este é um evento incomum.

Aparece como realismo mágico, porque emerge da falta de conhecimento que havia do Peru, porque existiam outros sujeitos políticos em outros países, mas não estava completamente adormecido e agora tem outra visão e uma memória de combate e, embora os mineiros, os camponeses tenham feito resistências, ou os professores ou outros isolados, no Peru houve dias em que as massas se fizeram presentes na década dos anos 70 a 80 e se expressaram através da Esquerda Unida e da FOCEP.

Não é a primeira vez que as massas aproveitaram uma fenda e uma conjuntura, como no caso do FOCEP, para nos dar 25% dos votos na Assembleia Constituinte. Esta situação nas condições do revés político, da aparente derrota das massas, todas aquelas pessoas oprimidas que disseram “basta” emergem na memória do povo. Eles sabem o que querem, que não querem os políticos que os enganaram ou que conduziram o país ao desastre por muitos anos. Eles não querem corrupção, não querem uma economia desastrosa, querem suas exigências e finalmente querem estar presentes na cena política. Esse é o mandato que Castillo tem. Como ele vai resolver isso, teremos que ver.

Continuo pensando em quem poderiam ser seus ministros, quem poderia apoiá-lo legalmente. Não devemos esquecer que houve uma regressão no Peru nos últimos 20 anos, a intelligentsia, todos aqueles que se expressaram à esquerda, recuaram, se acomodaram e se renderam ao sistema. É por isso que hoje existe esta rebelião que também supõe a possibilidade de que todos aqueles sujeitos sociais e políticos adormecidos também surjam e acompanhem as massas nesta luta.

De tal forma que a lição desta conjuntura é bela, de um perfil histórico. Não sabemos o que virá, mas há uma coisa, se os ataques da direita ali serão de resistência popular, porque as massas já acreditam em si mesmas. Não vai ser tão fácil, não vai ser uma derrota que acontece exatamente assim. E o resto, nós não sabemos o que pode acontecer, temos que deixar as

coisas se desenrolarem.

Uma situação sem precedentes está ocorrendo no país, que acompanha o que o Chile está sendo gerenciado e pode gerenciar na luta pela Assembleia Constituinte, acompanha a Colômbia, ajuda a despertar o Equador e até avisa as massas e o proletariado argentino que se elas despertam têm um lugar e se a mobilização das massas argentinas se realiza para acompanhar a rebelião dos países do Sul estaríamos em um novo momento histórico.

Não basta dizer pelos apologistas reformistas do sistema que o populismo pode ressurgir ou será derrotado, a realidade da América Latina está apontando que a realidade pode ir além do que é chamado de populismo. Se levarmos em conta a realidade histórica, se pensarmos na América Latina, se pensarmos que o capitalismo só pode ser derrotado com uma frente anticapitalista, notamos que o Peru se juntou ao grupo de países já capazes, através da mobilização, de seus novos sujeitos, os camponeses rebeldes, a pequena burguesia rebelde, os trabalhadores rebeldes, todos aqueles que pensam e recuperam a memória anticapitalista, que pode haver uma nova situação política, mas essa situação pode ir um pouco além do centro-esquerda e assumir conotações anti-capitalistas.

***Mario Hernández:** Jornalista, advogado, defensor dos presos políticos, sociólogo, ativista de esquerda.